

SIMPÓSIO AT020

ENTRE HOMENS E DEUSES: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE PROMETEU

BARBOSA, Carlos Eduardo de Freitas
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
carlos_cadueduardo@hotmail.com

Resumo: Dentre este vasto mundo das histórias gregas, encontramos uma tragédia que se destaca até hoje: a história de Prometeu, o titã que foi punido por Júpiter por salvar a vida dos homens. O que podemos notar é que a tragédia se constrói com um papel político-social, além do seu caráter artístico, apresentando o momento de transição política da tirania para a democracia na Grécia. Assim, por meio de um recorte da peça, buscamos, a partir de uma análise do discurso de Prometeu, entender mais sobre como o personagem se representa, representa os outros, e se ele – de fato – chega a se configurar como um herói, vendo assim, a presença do político no seu discurso. Para ser possível dar conta de tal objetivo, utilizamos dos conhecimentos da Análise do discurso, buscando trabalhar com noções como as posições-sujeito, os efeitos de des/contra/identificação; e as formações imaginárias, para assim, entender mais sobre esse herói trágico.

Palavras-chave: Discurso literário, (des)identificação, posição-sujeito, mitologia.

Abstract Within this vast world of Greek stories, we find a tragedy that stands out today: the story of Prometheus, the titan who was punished by Jupiter for saving the lives of men kind. What we can notice is that the tragedy is built with a political-social role, as well as its artistic character, presenting the moment of political transition from tyranny to democracy in Greece. Thus, through a snippet of the play, we seek, through an analysis of Prometheus' discourse, to understand more about how the character represents himself, represents others, and if he - in fact - comes to represent himself as a hero, searching for the presence of the political in his speech. Trying to fulfill such objective, we use the knowledge of the Discourse Analysis, thus seeking to work with notions such as the subject-positions, the effects of dis/counter/identification; and imaginary formations, trying to understand more about the tragic hero.

Keywords: Literary discourse, (dis)identification, position-subject, mythology.

Introdução

As tragédias eram uma importante parte da cultura grega, pois tinham um papel não somente artístico, mas também político e social, buscando apresentar os mitos já conhecidos e as histórias das guerras e dos próprios homens. A obra escolhida para ser trabalhada é do titã Prometeu, o qual foi severamente castigado por desobedecer a vontade divina de Júpiter. A peça Prometeu Acorrentado foi escrita por Ésquilo, um dos grandes escritores da Antiguidade, por volta do século V, na qual é exposta a desgraça de Prometeu, explorando a revolta do titã contra a tirania de Júpiter, a dedicação para salvar os humanos e as consequências de tal rebeldia.

O trabalho aqui feito buscou analisar um recorte da obra selecionada através dos conhecimentos da Análise do Discurso, tendo como objetivo analisar o discurso de Prometeu. Para alcançar tal objetivo nos perguntamos: Prometeu se representa como um deus? Se sim, quando? Prometeu se representa como um herói? Como se dá o político na obra?

1. Grécia: da organização ao cultural

Duas coisas eram parte essencial da vida dos gregos: a religião e a política. Sobre a religião, sabemos que, no início dos tempos, os gregos tratavam os deuses como as divindades da natureza, representando a imensidão na qual os primeiros homens se encontravam, tratando das questões do mundo através das divindades. Assim, os deuses são espectadores da vida dos mortais, fazendo-se presente e interferindo ou não com seus adoradores. Dessa forma, pensamos que, para os antigos gregos, ver uma tragédia apresentada seria algo grandioso, visto que somente os deuses ocupavam essa posição de quem vê algo, uma vez que a contemplação é divina. Através das tragédias, os homens se sentiam elevados e mais próximos dos deuses.

A guerra deu força para a democracia, uma vez que, ela foi a razão da aristocracia precisar assegurar direitos para as classes inferiores — que se

recusavam a lutar sem ter algum direito. Junto à democracia, foram criados novos magistrados – que se juntavam aos mais de setenta já existentes –, responsáveis por interesses materiais da cidade, da guerra, da política, dos mercados, dos impostos e das execuções. Como essas funções eram anuais, todos os homens atuavam na magistratura, os que eram sacerdotes eram escolhidos pela sorte; e os que não eram de ordem pública, pelo povo.

Sobre a tragédia, uma das mais conhecidas formas de produção cultural da Grécia, Azevedo (2011) diz que o seu surgimento pode ser relacionado com as mudanças sociais que vinham ocorrendo, com os homens e seu novo pensamento, o que fez com que a tragédia fosse além da arte, parte do social, político e judiciário, de um sistema democrático. Ainda que com a crescente mudança ideológica do mítico para o real, o mito mantinha sua importância como fonte de inspiração, o que vemos aqui é uma mudança de foco do mítico para um ambiente com base em reflexões filosóficas, onde os protagonistas podem ser pessoas reais. Sendo assim, a tragédia retoma o que há de fundamental nas relações humanas, tendo o erro um valor comunitário para o herói trágico, mostrando sua excepcionalidade nas suas fragilidades.

O poeta trágico começa uma busca pela humanização do seu herói, querendo criar uma aproximação dos espectadores, fazendo tal feito de forma dupla: de um lado é mantida a distância dos personagens por serem heróis lendários, e de outro é feito pelo passional e humanismo do herói. Dessa forma, nenhum cidadão pode se igualar ao herói, mas pode se identificar e pensar sobre os problemas em sua vida. A tragédia e a filosofia mantêm uma forte ligação; do mesmo modo como a filosofia, a tragédia questiona as virtudes. Assim, esses questionamentos podem ser encontrados nas falas das personagens trágicas, sendo elas compostas nos campos político, social e religioso.

2. AD – o recorte teórico

A Análise do Discurso (AD) surge nos anos 60-70 na França, focando no pressuposto de que o sujeito não é o dono do seu discurso, mas é assujeitado por ele. Pêcheux (1969) propôs inicialmente que o discurso, conceito principal

de sua teoria, é definido como “efeito de sentido entre locutores”, já as condições de produção, são onde “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social”, e as formações imaginárias, lugares que A e B atribuem a si mesmo e ao outro.

Em conjunto, Pêcheux e Fuchs apresentam a noção de formação discursiva (FD) de Foucault, ou seja, aquilo que controla o que pode/deve ser dito a partir de um lugar social que o sujeito ocupa. Assim, entendemos que o sujeito é um lugar determinado numa estrutura social. Os autores tratam também das condições de produção e sua relação com as formações ideológicas, expondo que “toda formação discursiva deriva de condições de produção” (PÊCHEUX & FUCHS, 1975). Segundo Pêcheux (2014, p. 147), a formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Podemos, então, entender FD como aquilo que pode e deve ser dito pelo sujeito.

O sentido para a AD resulta da inscrição do sujeito numa FD, relacionando a língua em sua historicidade, assim, o sujeito não é a fonte do seu dizer, sendo ele assujeitado à formação discursiva na qual inscreve o seu dizer, no qual produz movimentos de (des)identificação com o seu discurso. Pêcheux (2014) trata da questão do desdobramento do sujeito, onde são produzidos, a partir da relação Sujeito/sujeito, efeitos de identificação, contraidentificação e desidentificação. O autor fala que a primeira modalidade caracteriza o discurso do “bom sujeito”, através de uma completa identificação do sujeito enunciador com a forma-sujeito da FD que o afeta. A segunda modalidade, o “mau sujeito”, caracteriza a contra-identificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o afeta. A terceira modalidade resulta na ruptura do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o afeta, identificando-se, assim, com uma nova e outra FD.

3. As relações divinas

SD1: Após tamanho serviço, eis o prêmio ignóbil com que me

recompensou o tirano do céu! Tal é a prática freqüente da tirania: a ingratidão para com seus amigos [...] Porque me apiedei dos mortais, ninguém tem pena de mim! No entanto, tratado sem piedade eu sirvo de eterna censura à prepotência de Júpiter. (p. 19-20)

No discurso de Prometeu, vemos a expressão do seu sofrimento produzindo determinados efeitos de sentido: efeitos que ele é um injustiçado e também um herói. Ao se representar como um injustiçado “a ingratidão; ninguém tem pena de mim”, entendemos que se trata de uma representação de posição-sujeito¹. Pêcheux (1975, apud GRIGOLETTO, 2005, p. 2) “chama de posição-sujeito a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber (forma-sujeito)”.

Através da representação da posição-sujeito injustiçado, vemos o sofrimento que Prometeu sente, sofrendo as consequências da ira divina. Diante deste panorama, tal caracterização feita pelo titã Prometeu se assemelha àquilo que fala Indursky (1997, p. 63-64) ao tratar do discurso do sujeito injustiçado², “trata-se de uma imagem que reflete a mágoa [...]. Pensamos ser lícito afirmar que essa imagem revela a dificuldade por parte do sujeito de D1 em administrar sua frustração diante dos efeitos de sentido que seu discurso provocou.”

Prometeu caracteriza-se como um sofredor, do qual ninguém tem pena. Essa representação que ele faz de si mesmo busca cristalizar sua imagem de vítima da ira divina. A SD traz, através do léxico, a representação do injustiçado, Prometeu se representa como o sujeito que diz “eu”, produzindo um efeito de sentido que mostra a imagem de sofredor, evidenciando a “relação entre poder e frustração” (ibidem), mostrando que, após ajudar Júpiter, foi castigado por defender os mortais e está desiludido com o ocorrido.

Prometeu se representa como um sofredor – incomum para um deus –, se colocando para abaixo dos outros deuses, como um miserável, mostrando, assim, não estar totalmente identificado com os saberes da FD divina – aquela

¹ A noção é explicada de acordo com Petri (2008, p. 61), que diz que a “representação de “posição-sujeito” funciona como um modo possível de se apresentar o sujeito que representa, na ficção, a relação entre sujeito e forma-sujeito, que advém do “mundo social”, produzindo, assim, “efeitos de real” na literatura.”

² No texto, a autora trabalha com os discursos dos presidentes militares e como eles se representam, sendo D1 o sujeito do discurso.

na qual inscreve seu discurso. Ao representar uma posição-sujeito de injustiçado, vemos o que Pêcheux (2014) trata por contra-identificação: o sujeito do discurso se contra-identifica com os saberes da FD divina, identificando-se com outra formação discursiva, a FD humana, a qual é um meio de construção de sua imagem de herói, questionando o que pode e deve ser dito na FD divina, mostrando que a forma-sujeito é fragmentada.

SD2: Ouvi, somente, quais eram os males humanos, e como, de estúpidos que eram, e [...] vos expor todos os meus benefícios. Antes de mim, eles viam, mas viam mal; e ouviam, mas não compreendiam. [...] Em suma: todas as artes e conhecimentos que os homens possuem são devidos a Prometeu. (p. 32-33)

Observando a SD2, vemos que Prometeu fala tudo que fez de bom para os homens, mostrando seu crime: ter “salvo” a humanidade. Prometeu caracteriza os homens como inferiores – buscando cristalizar tal imagem – e, assim, (re)construir sua imagem de sofredor para salvador.

Através do léxico, podemos ver como ele representa o “outro”, tratando os homens como inferiores e se colocando numa posição heroica e superior aos mortais. Diante disso, o sujeito do discurso, na voz de Prometeu, busca (re)configurar sua imagem de sofredor para salvador. O que vemos é Prometeu se colocando como superior, como aquele que sabe o que é melhor para os homens, criando, assim, uma relação de dominação causada pelo apagamento da voz do “outro”.

. Assim, o “eu” aqui não é o mesmo “eu” injustiçado, mas um “eu” que se identifica como salvador, e que se representa através do “ele”, acarretando numa maior identificação com os saberes da FD divina, entretanto, não existe uma identificação plena, fazendo com que o discurso de Prometeu seja atravessado por saberes da FD humana. Dessa maneira, Prometeu pode mostrar seu poder e superioridade perante os mortais, ocupando seu lugar de herói através desta relação entre os dois planos (divino e temporal) e sua forma de subjetivação. O que vemos, então, é a oscilação de Prometeu acerca dos dois planos no qual

ele está inserido, assemelhando-se o que diz Grigoletto³ (2003, p. 40) “ora ele pertence ao plano temporal, igualando-se aos homens, ora ele pertence ao plano divino, igualando-se a Deus”. Pensando então nessa relação dos dois planos, temos que essa relação é onde se inserem as formas de subjetivação representado no espaço discursivo. Assim, segundo Petri (2004, p.239), temos duas formas de subjetivação, a do “eu” e a do “ele”, onde cada uma produz diferentes efeitos de sentido no discurso.

Acerca do caráter político da obra, entendemos que, de acordo com Corten (1999, p. 37), o político é construído pelo discurso, assim o que percebemos é a construção de uma cena que representa o político da Grécia. Na Antiguidade, quando a peça foi escrita, a democracia lutava para se firmar e assim superar o governo tirano, o que constatamos é a presença de uma cena de representação do político, que mostra através de Prometeu e Júpiter, uma representação da democracia e da tirania. Segundo Corten (idem), “É o discurso em sua circulação que constrói a montagem e delimita o fechamento da cena. Essa cena apresenta uma ficção [...] essa ficção é o político ou a representação do político.”, o que vemos é a retomada dos elementos da sociedade que agem como “forças políticas”, fazendo com que a peça retrate o mito da Antiguidade com o caráter da atualidade na qual se encontrava o estado ateniense.

Enfim, podemos perceber que os sentidos deslizam, fazendo com que tenhamos a presença de diferentes efeitos de sentido: primeiro, a imagem do herói, depois, a do injustiçado. São diferentes representações da posições-sujeito, relacionadas de maneira ideológica, visto que o discurso de Prometeu se inscreve na FD divina e sofre atravessamento da FD humana. Esse atravessamento faz com que ele se represente na forma de um herói, sendo aqui um herói trágico – aquele que sofre pelos seus atos de salvação, assim, vemos que Prometeu trata de si mesmo como um ser superior aos homens (representando o outro como inferior) e como um deus que é injustiçado e que não merece a ira divina.

³ Nesse caso a autora se refere a oscilação da figura do padre como locutor que faz falar a voz de Deus

Referências

AZEVEDO, Cristiane Almeida. Arte e filosofia na tragédia grega. In: **Filosofia e arte na Grécia antiga**. BOCAIÚVA, I. (orgs). Rio de Janeiro, Nau: Hexis. 2011.

CORTEN, André. *Discurso e representação do político*. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzallo, 1999.

GRIGOLETTO, Evandra. **Sob o rótulo do novo, a presença do velho**: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da renovação carismática católica. Porto alegre, Editora da UFRGS. 2003.

GRIGOLETTO, Evandra. **Do lugar social ao lugar discursivo**: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. II Seminário de Estudos em Análise do Discurso. 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf> acesso em 15.mai.2019.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quarteis e as outras vozes**. Campinas, Editora da Unicamp. 1997.

PÊCHEUX, Michel. (1969). Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux. In: GADET, F; HAK, T. (orgs) **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Editora da Unicamp. 1997.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Editora da Unicamp. 1997.

PÊCHEUX, M. (1975) **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, UNICAMP. 2014.

PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2004. disponível em: http://corpus.ufsm.br/images/tese_verli_petri.pdf acesso em 15.mai.2019.

PETRI, Verli. Representação da posição-sujeito na análise do discurso literário: uma proposta de deslocamento e suas implicações. In: In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.A. (Orgs). **Práticas Discursivas e Identitárias**. Porto Alegre, Nova Prova. 2008.